

Sarney não aceita ataque à Constituição

Presidente não foi a São Paulo para não ouvir crítica de multinacional à Carta

ARQUIVO

O presidente José Sarney cancelou a sua participação na abertura do XV Salão do Automóvel e de Autopeças, ocorrida ontem no Parque de Exposição do Anhembi, porque não gostou do discurso que seria feito pelo presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Auto Motores (Anfavea) e vice-presidente da General Motors, André Beer, que criticaria duramente a nova Constituição.

Sarney comunicou a sua decisão na noite de quarta-feira ao governador Orestes Quêrcia, quando telefonou para lamentar que não poderia participar do almoço marcado para ontem no Palácio dos Bandeirantes. O Presidente teve conhecimento prévio do discurso de Beer, onde ele afirmava que a nova Carta Magna pode levar algumas empresas multinacionais a abandonarem o Brasil pela Coreia.

A decisão de Sarney de

não participar do evento foi comunicada pelo governador Orestes Quêrcia, à tarde, ao deixar o Palácio da Alvorada, onde foi conversar com Sarney sobre o problema das dívidas dos Estados. Quêrcia, diante das câmeras de televisão e dos gravadores das emissoras de rádios, alegou que só contaria o motivo em off (o informante não aparece). No final, ele ainda tentou resistir, mas não resistiu à insistência dos repórteres. Foi um "off coletivo", como alguns assessores do Palácio do Planalto costumam classificá-lo.

O porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique Almeida Santos, disse que Sarney cancelou a sua viagem porque precisava de tempo para resolver alguns assuntos relativos à sua viagem à Europa, e, especialmente, à União Soviética. Mas reconheceu que Sarney não aceita crítica à nova Constituição, porque jurou defendê-la.

Quando o presidente Sarney vai participar de uma solenidade, o orador é obrigado a comunicar o assunto que vai abordar, para evitar constrangimento. No caso de André Beer, foi conseguida uma cópia do discurso, e por isso Sarney decidiu não participar, para não quebrar o seu juramento à Constituição.

Quanto à questão do off de Quêrcia, ele não foi o primeiro a falar um assunto em público, para atender o pedido dos jornalistas. O ex-porta-voz da Presidência, Fernando César Mesquita, sempre dava seus "offs coletivos", e no dia seguinte chamava a imprensa para desmentir em on (aparecendo). A frase mais famosa sobre o assunto fica por conta do ex-governador de Goiás, Ari Valadão, que ao deixar o gabinete do então presidente João Figueiredo, falou para os repórteres que só falava em offset (é um sistema de impressão gráfica).

Ausência constrange empresários

Da Sucursal

São Paulo — O cancelamento da viagem do presidente José Sarney ontem a São Paulo, para a inauguração do XV Salão do Automóvel e Autopeças criou um clima de constrangimento entre os empresários que o aguardavam, às 10h, no Parque Anhembi. A chegada do ministro da Indústria e do Comércio Roberto Cardoso Alves, representando o presidente, causou surpresa e apreensão nos presentes.

Enquanto o ministro percorria o Salão, acompanhado pelo presidente da Anfavea, André Beer, e da Autolatina, Wolf Gang Sauer, os demais empresários e políticos, entre eles seis deputados federais, mantinham uma distância cautelosa da frente da comitiva, suficiente para comentar a onda de boatos como um novo choque econômico, cancelamento da viagem do presidente Sarney à URSS e outros. O ministro Roberto Cardoso Alves, durante o seu discurso, explicou que o presidente cancelou a visita a São Paulo por estar finalizando os preparativos para a sua viagem ao exterior. "São deveres e razões de Estado que, contra a sua vontade, obrigaram sua permanência em Brasília", justificou. A informação foi confirmada por uma funcionária da assessoria de imprensa do Palácio do Planalto e endossada pelo deputado Gastone Righi. Mas, às 11h30, quando o ministro deixou o Salão do Automóvel, surgiu o boato de que ele teria sido chamado às pressas pelo presidente Sarney para uma reunião ministerial em caráter urgente. Essa informação, entretanto, somada à também ausência do governador Orestes Quêrcia e do prefeito Jânio Quadros, que mandaram como representantes seus secretários dos Transportes, não foi suficiente para proporcionar nenhum comentário

dos empresários, que preferiram deixar rapidamente o recinto, logo após a saída do Ministro.

DISCURSOS

Os discursos do presidente da Anfavea, André Beer, e do Sindipeças, Pedro Eberhardt, tiveram que ser rapidamente alterados, pois repetiam por diversas vezes a expressão "senhor presidente". O recado das montadoras se voltou principalmente aos atrasos criados na nova Constituição no que diz respeito à ordem econômica. Beer afirmou que a nova norma constitucional avançou muito em alguns pontos, mas que, efetivamente, deu passos para trás. Ele destacou a discriminação ao capital estrangeiro e às multinacionais, como fatores que "trazem de volta a imagem de um Brasil antigo", e o aumento de custos para a indústria com os novos benefícios trabalhistas. O empresário reivindicou ainda o uso da plena liberdade para a prática de preços e uma maior liberalização do câmbio, para manter a competitividade brasileira no mercado externo.

O ministro Roberto Cardoso Alves, que discursou de improviso logo depois de Beer, endossou a postura do presidente da Anfavea e fez duros ataques às restri-

ções impostas pela nova constituição ao capital estrangeiro. "Imagem São Paulo, a região do grande ABC e o Vale do Paraíba sem as empresas estrangeiras. Eles estariam pelo menos 50 anos atrás. São José dos Campos (um dos maiores pólos industriais do País, onde se instala a Embraer) seria uma simples estância climática para o tratamento de tuberculosos em hospitais religiosos", disparou Cardoso Alves.

Ele voltou a se referir a alguns itens da nova Carta como "Letra Morta", e destacou a necessidade de 200 leis complementares, inclusive uma que revisse a definição do capital estrangeiro. Sobre uma antiga reivindicação do setor automobilístico — a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados, IPI — O Ministro disse que "todas as pretensões que visam modernizar e ampliar o parque industrial brasileiro são motivos de particular preocupação do presidente Sarney". Ele completou, afirmando que o IPI poderá ser revisto em alguns casos.

O XV Salão do Automóvel será inaugurado para o público hoje, às 15 horas, e ficará aberto até o próximo dia 23. A exposição, que se realiza há quase trinta anos, reúne 260 empresas, sendo 17 montadoras, 180 indústrias de autopeças, 33 fabricantes de veículos fora-de-série, 12 fabricantes de barcos e 16 empresas de serviços, dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Nos anos anteriores, a média de visitantes estrangeiros foi de 500 e o público girou em torno de 400 mil pessoas.

São Paulo — Inaugura o Salão do Automóvel, sem a presença do Presidente da República equivale, numa comparação simbólica, a montar um show para os baixinhos e baixinhas sem a presença da Xuxa.



André Beer